

APRESENTAÇÃO

Vladimir de Oliva Mota¹

Leitoras e leitores de *O Manguetzal – Revista de Filosofia*, inicio esta breve apresentação ao “Dossiê Schiller” com uma citação na qual o filósofo refere-se à obra *Juno Ludovisi*, fragmento escultórico grego antigo, de autoria desconhecida, e que, neste dossiê, ganhou uma versão bidimensional (pintura à tinta óleo sobre papel), com o fim de ilustrar a capa deste número da revista, do artista Luan Dias. Diz Schiller sobre aquela escultura:

Não é nem graça nem dignidade o que nos sugere a soberba face de uma *Juno Ludovisi* [...]. Toda a figura repousa e habita em si mesma, criação inteiramente fechada que não cede nem resiste, como se estivesse para além do espaço; ali não há força que lute contra forças, nem ponto fraco em que pudesse irromper a temporalidade. Irresistivelmente seduzidos por um, mantidos à distância por outro, encontramos-nos simultaneamente no estado de repouso e movimento máximos, surgindo aquela maravilhosa comoção para a qual o entendimento não tem conceito e linguagem não tem nome. (SCHILLER, 2002, p. 81)

Essa passagem de *A educação estética do homem* (1795) exemplifica, através da descrição das qualidades formais da *Juno Ludovisi*, capazes de provocar simultaneamente as faculdades do espírito humano misto – a razão e a sensibilidade –, aquilo que Schiller considera como belo. E é ao tema do belo que sua mais célebre obra de filosofia se dedica.

Contudo, é possível que a leitora ou o leitor possa indagar: não seria extemporânea uma discussão estética sobre o belo quando a ética e a política têm um interesse mais próximo e mesmo urgente; quando o nosso país recrudescer seu histórico caráter antidemocrático, violento e desigual; quando, portanto, o espírito filosófico é solicitado a ocupar-se com a construção de uma liberdade política? Discutir estética neste momento não seria sinal de um descaso em relação ao processo histórico e à saúde da comunidade? A mesma indagação se fez Schiller quando, ao se dedicar ao tema do belo, os efeitos do racionalismo das Luzes e da “Fase do Terror” da Revolução Francesa se faziam sentir. O filósofo, então, perguntava-se: “os olhares [...] voltam-se para a cena política, onde, acreditam, decide-se agora o grande destino da humanidade. Abster-se desse diálogo comum a todos não atrai uma reprovável indiferença em relação ao bem da sociedade?” (SCHILLER, 2002, p. 21) Essa possível dúvida das leitoras, dos

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor do Curso de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

leitores e do próprio Schiller é dirimida no início de *A educação estética do homem*, onde o autor anuncia seu projeto de conjunção ético-política e estética ao afirmar que “[...] para resolver na experiência o problema político é necessário caminhar através do estético, pois é pela beleza que se vai à liberdade.” (SCHILLER, 2002, p. 22) As vinte e sete Cartas dessa obra propõem-se estabelecer uma relação, talvez estranha para a leitora e leitor do século XXI, entre beleza e liberdade.

O projeto de Schiller de uma educação estética parte de um diagnóstico de seu tempo: como já foi aqui aludido, o pensamento e os acontecimentos de sua época o levaram a constatar que o mal-estar da modernidade deve-se à cisão histórica do espírito humano! Lembro a já conhecida formulação de Habermas acerca de *A educação estética do homem*: “[...] o primeiro escrito programático para uma crítica estética da modernidade”. (HABERMAS, 2002, p. 65) Schiller analisa o ser humano de seu tempo, constatando a fragmentação de seu espírito, e projeta uma educação estética que aponte para a obra de arte bela como o dinamizador revolucionário na recuperação do espírito humano pleno, capaz de substituir a eficácia da religião em seu poder unificador:

Se já a necessidade constringe o homem à sociedade e a razão nele implanta princípios sociais, é somente a beleza que pode dar-lhe um *caráter sociável*. Somente o gosto permite harmonia na sociedade, pois institui harmonia no indivíduo. Todas as outras formas de representação dividem o homem, pois fundam-se exclusivamente na parte sensível ou na parte espiritual; somente a representação bela faz dele um todo, porque suas duas naturezas têm de estar em acordo. Todas as outras formas de comunicação dividem a sociedade. (SCHILLER, 2002, p. 140)

O que abriu essa ferida no espírito da humanidade? A própria cultura: as ciências (experiência ampliada e especialização) e o Estado (seus mecanismos de delimitação dos estamentos e dos negócios); conseqüentemente, resume Habermas, Schiller direciona sua crítica à sociedade burguesa como um “sistema do egoísmo”, provocando, por um lado, uma engenhosa engrenagem que gera trabalho alienado e burocracia e, por outro, um espírito especulativo estranho ao mundo sensível. (Cf.: HABERMAS, 2002, p. 67)

Se foi a cultura a responsável por infligir no espírito humano essa fissura, isso implica, aos olhos de Schiller, a necessidade de educação para o reestabelecimento da totalidade desse espírito, como cicatrização dessa ferida aberta. A educação é portadora da noção de uma humanidade histórica, pois, conforme interpreta Eliane Escoubas o pensamento de Schiller: “a educação é o motor do vir a ser do homem moderno – é pela educação que se pode esperar a

liberdade”. (ESCOUBAS, 2012, p. 217) Como isso é possível? Como, pela educação, chegar à liberdade?

Para Schiller, as faculdades humanas não são fixas, não são estruturas, mas, ao contrário, são móveis, são forças, impulsos (*triebe*). Esses impulsos são as forças opostas das leis fundamentais da natureza humana sensível-racional (estado e pessoa) que nos exigem a realização de seus objetivos. Inicialmente, há dois impulsos: o sensível – “parte da existência física do homem ou de sua natureza sensível, ocupando-se em submetê-lo às limitações do tempo e em torná-lo matéria” (SCHILLER, 2002, p. 63) – e o formal – “parte da existência absoluta do homem ou de sua natureza racional, e está empenhado em pô-lo em liberdade, levar harmonia à multiplicidade dos fenômenos e afirmar a pessoa em detrimento de toda alternância do estado”. (SCHILLER, 2002, p. 64) Para o vir a ser harmonioso do espírito humano, o impulso sensível e o impulso formal não podem estar um sem o outro, eles devem se limitar mutuamente, mas nunca um prevalecer em detrimento do outro. Dessa limitação mútua e harmoniosa, advém um terceiro impulso: o lúdico, o impulso do jogo. Trata-se de um impulso de união dos outros dois, que exige “[...] ligar o devir ao absoluto, a modificação à identidade”. (SCHILLER, 2002, p. 74) O objeto do impulso sensível é a “vida”, “[...] todo o ser material e toda presença imediata nos sentidos”, (SCHILLER, 2002, p. 77) o objeto do impulso formal é a “forma”, “[...] todas as disposições formais dos objetos e todas as suas relações com as faculdades de pensamento”, (SCHILLER, 2002, p. 77) e o objeto do impulso lúdico é “forma viva”, “[...] todas as qualidades estéticas do fenômeno, tudo o que em resumo entendemos no sentido mais amplo por *beleza*”. (SCHILLER, 2002, p. 77. Grifo do autor) Ou seja, o objeto do impulso lúdico é a exata conjunção dos objetos dos outros dois impulsos, assim, sua função é a de síntese das forças espirituais humanas, sua união e harmonia, que se dá pela beleza.

O estabelecimento do projeto do fundamento comum da estética e da ético-política em Schiller só se compreende ao considerar a liberdade como a cooperação dos dois impulsos da natureza humana, conseqüentemente, só a beleza pode efetuar-la. Como havia indicado Roger Ayrault acerca de *A educação estética do homem*, o belo não é um conceito extraído da experiência, o belo é antes um imperativo. (Cf.: AYRAULT, 1961, p. 718) Se a liberdade se realiza pela formação, pela educação, a beleza encontra-se no centro do status histórico da humanidade, pois só se é plenamente humano pelo impulso lúdico, ou, na célebre frase de Schiller “o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e *somente é homem pleno quando joga*”. (SCHILLER, 2002, p. 80. Grifo do autor)

À melhor compreensão desse complexo e extenso projeto schilleriano de educação estética, de conjunção ético-política e estética, convido a leitora e o leitor a conhecer as análises realizadas por alunas e alunos da Universidade Federal de Sergipe (UFS) acerca desse tema. Os textos a seguir são resultados da disciplina por mim ministrada no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da UFS no período letivo de 2021.1. A partir dos textos presentes neste dossiê, é possível refletir não só acerca de diversos aspectos e implicações do pensamento de Schiller através das análises específicas dos conceitos de sua obra, como, também, perceber paralelos possíveis de *A educação estética do homem* em autores como Nietzsche, Benjamin, Sartre, Guattari, Rancière... o que demonstra a fertilidade e a importância de pensar hoje uma educação estética.

Boa leitura!

Referências Bibliográficas

- AYRAULT, Roger. **La genèse du romantisme allemande**: situation spirituelle de l'Allemagne dans la deuxième moitié du XVIII^e siècle (Tome II). Paris: Aubier, 1961.
- ESCOUBAS, Eliane. L'éthique est-elle "un art supérieur"? Schiller et les *Lettres sur l'éducation esthétique de l'homme*. In: DESTRÉE, Pierre; TALON-HUGON, Carole. (Dir.) **Le beau & le bien**: perspectives historiques, de Platon à la philosophie américaine contemporaine. Nice: Les Éditions Ovidia, 2021.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas**. 4ed. Tradução Roberto Schwarz; Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002. (Coleção "Biblioteca Polén").